

Ser professor de Geografia no século XXI Apontamentos da conferência proferida no II Encontro de Ensino de Geografia da UP

Emília Sande Lemos
Associação de Professores de Geografia
lemosemilia66@gmail.com

Como citar este artigo:

Lemos, E.S. (2018). Ser professor de Geografia no século XXI. Apontamentos da conferência proferida no II Encontro de Ensino de Geografia da UP. Revista de Educação Geográfica | UP, n.º.3, p.85-92. Universidade do Porto

ISSN:

2184-0091

DOI:

<https://doi.org/10.21747/21840091/3a6>

Secção: Acontecer

Do meu primeiro dia de aulas só me lembro que levei comigo uma boneca que não pude levar no dia seguinte (...). À medida que íamos chegando entrávamos para uma enorme sala que tinha dois pólos de atracção: as janelas que davam para o jardim e os mapas que cobriam as paredes. Eu já tinha visto mapas em livros mas não mapas tão grandes como os que havia no colégio. Os nossos dias começavam por uma hora de estudo que eu ocupei sempre a olhar para os mapas...

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner

Os desafios que vamos enfrentar nos próximos anos, já os sentimos nas nossas casas, na escola, com os filhos, com os netos. Apercebemo-nos como eles

lidam de uma maneira tão autónoma, por exemplo, com as ditas novas tecnologias. Contudo, nesta sociedade tecnologicamente mediada, o papel do educador continua fundamental, já que somos nós que, melhor do que ninguém, podemos fazer as pontes que tornam competentes para a vida os nossos alunos, tanto do ponto de vista tecnológico, como científico e humanista.

Nesta ótica, como é que nós, professores de Geografia, vamos encarar o ensino daqui para a frente? Antes do mais, é minha convicção que mais vale ensinar 'pouco e bem do que ensinar muito'... para depois os alunos esquecerem rapidamente, porque não tiveram tempo de consolidar, aplicar, descobrir a Geografia. Prefiro que os meus alunos percebam e apliquem os pilares da Geografia, os

conceitos fundamentais, que lhes permitirão ter um olhar geográfico sobre o Mundo.

Essa será a primeira parte da minha intervenção. A segunda visa responder à questão: o que se pede a um professor de Geografia ou de outra disciplina qualquer no mundo atual?

1. Os pilares da Geografia - o que é fundamental na educação geográfica: alguns exemplos

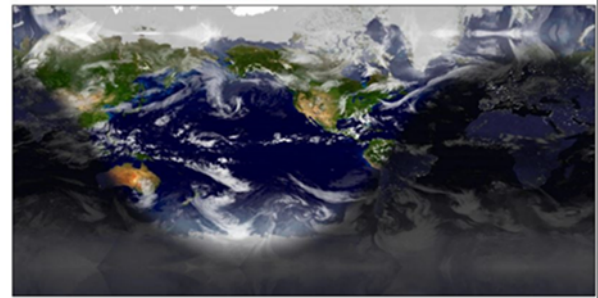
As Olimpíadas Internacionais de Geografia (IGeo), que em 2016 se realizaram em Pequim¹, demonstram, ao contrário do que acontece no quotidiano de muitos dos nossos alunos, que as respostas às questões colocadas não estão no smartphone... ou numa simples consulta do manual escolar....Observe-se, por exemplo, a imagem a que se refere a questão 15 (fig.1). Conseguimos imaginar onde está a linha Internacional de mudança de data? É Inverno no hemisfério norte ou no hemisfério sul? Do mesmo modo, olhando para o mapa da pergunta 20 (cf.fig.1), porque é que a Gronelândia aparece com esta dimensão (deformação)? O pensamento geográfico está implícito em cada uma das questões e é aí que reside a grande 'habilidade' do professor: ensinar os alunos a 'ver' e 'questionar' para além da informação que lhes é fornecida ou a que têm acesso quotidianamente, tendo como base os conceitos essenciais da Geografia, já amplamente definidos por diversos autores: localização, escala, mudança, ritmos, difusão, movimentos, padrões de distribuição, inter-relações entre os sistemas naturais e os sistemas económicos, sociais e culturais, perspectivados na sua espacialidade.

Por exemplo, quando se aborda o conceito de escala, que implica muito mais do que um simples cálculo de matemática - e é um conceito basilar, um pilar da Geografia -, o que é verdadeiramente importante é que os alunos percebam o significado de mudar de escala, ou seja, o que 'vejo ou deixo de ver' quando altero a escala. Claro que é necessário fazer 'contas', mas esse não é o foco do conceito: o que importa é perceber como a diferença de escalas interfere nas inferências que posso fazer sobre o território, as relações que nele se estabelecem.

Q.15

For the inhabitants of Seoul, this composite image represents:

- A. an autumn afternoon B. a spring afternoon
C. a summer morning D. a winter morning



Q.20

What is shown on this map?

- A. consumption of hunted animals B. extent of ice cover
C. nomadic population D. remoteness

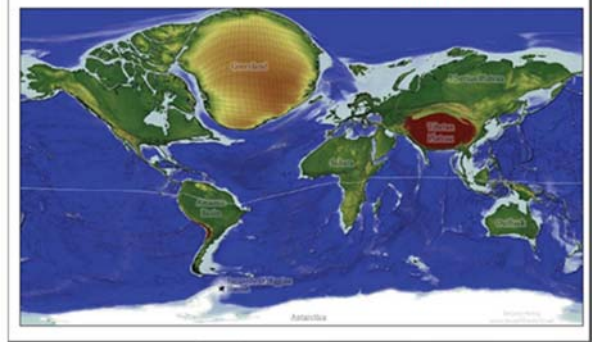


Fig.1 – Perguntas 15 e 20 do teste das IGeo (2016).

A importância de um pensamento espacial é, muitas vezes, ignorado por outros atores das escolas e da sociedade e por isso, um outro aspeto fundamental no ensino da Geografia é a interdisciplinaridade.

A literatura também é Geografia – todas as obras literárias têm dimensão espacial. Nas escolas, os professores de Português chamam a atenção para a dimensão temporal das obras, mas esquece-se frequentemente a sua dimensão espacial. Nenhum escritor escreve sobre o vazio, nenhuma civilização existe sem espaço geográfico. Sophia de Mello Breyner Andresen é realmente um exemplo excepcional dessa profunda ligação entre o território e o ser humano, o território experienciado, vivido, amado. A exploração geográfica da descrição das paisagens de Trás-os-Montes, pelo nosso Miguel Torga, é também um bom exemplo do que acabámos de afirmar.

¹ Informação disponível em <http://www.igeo2016.org/dct/page/65581>. Acesso 29-11-2017

E quando se fala na rota do românico, nomeadamente no norte do país, identificam-se os monumentos, mas não se fala do território. Então os monumentos não estão num território determinado? O território faz parte da nossa vida, do nosso quotidiano, está em nós, nos nossos atos, na maneira como pensamos, na forma como agimos. Em França verificou-se que a maior parte das igrejas românicas se situavam em zonas de falha... e não era por acaso: a ocorrência de sismos nestas áreas motivou as pessoas a erguer edifícios de culto.

É esta batalha de articulação, de integração de conhecimentos, que nós temos de travar todos os dias enquanto professores de Geografia.

Os jornais norte-americanos ‘descobriram’ que os mapas – outro pilar geográfico - são um must, um recurso excepcional. E porquê? Porque num simples mapa há uma síntese excepcional do território. Claro que o mapa é sempre uma representação estática do real em que apenas está representado aquilo que a pessoa que o fez quis expressar. Mas os mapas têm essa enorme qualidade de, num simples “desenho”, nos darem um conjunto de informações sobre as quais podemos colocar um sem número de questões. É essa a sua grande riqueza e nós geógrafos sabemos bem o que isso significa, se bem que nem sempre indagamos os nossos alunos sobre todas as interrogações que um mapa pode originar.

Estes são apenas alguns exemplos, da enorme riqueza que a Geografia contém em si própria, quer ao nível conceptual, quer metodológico.

2. Afinal o que deve ser importante nas questões que colocamos aos nossos alunos?

A declaração de Lucerne² (União Geográfica Internacional - UGI, 2007) estabelece os fundamentos da Educação Geográfica para o Desenvolvimento Sustentável (fig.2). Define aspetos importantes e conhecimentos geográficos fundamentais, complementando a Carta

Internacional da Educação Geográfica, publicada pela Associação de Professores de Geografia³. E aqui queria destacar as questões ligadas aos dois grandes sistemas que se entrecruzam na Terra: o natural e o sociopolítico, económico e cultural.

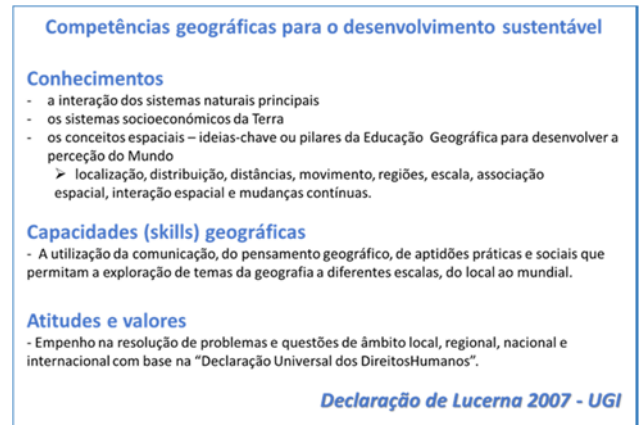


Fig.2. Elementos fundamentais da Declaração de Lucerne.

De facto, mais importante do que preocuparmo-nos em que os discentes saibam ler a latitude, é que o aluno entenda que os padrões de distribuição dos fenómenos na Terra podem ser olhados como a interação de vários sistemas de trocas energéticas, sendo a latitude fundamental para se compreender que a principal zonalidade terrestre é latitudinal. É esta zonalidade latitudinal que dá origem aos climas, biomas, produções agrícolas etc. Isto é tão importante para a Geografia como para a História (pensando, por exemplo, que os cereais são fundamentais para compreender a evolução das civilizações ou os descobrimentos), para a Hidrologia ou Geologia. Além deste sistema zonal, temos ainda de considerar o intrazonal (quando a latitude se cruza com a altitude) e o azonal - que liberta e troca energia entre os outros dois sistemas e que reflete a localização, por exemplo, dos vulcões e dos sismos, que, como se sabe, não têm um padrão de distribuição zonal.

Nestes conceitos-chave, temos sempre a **localização** - o ‘onde’ (fig.3). O que vai ou não acontecer na Coreia do Norte associa-se, também, à sua localização... absoluta e relativa⁴.

² Versão portuguesa disponível em <http://www.igu-cge.org/Charters-pdf/portuguese.pdf>. Acesso 29-11-2017

³ U. G. I. (1992) – Carta Internacional da Educação Geográfica, separata da revista Apogeo – Revista da

Associação de Professores de Geografia. Associação de Professores de Geografia, Lisboa.

⁴ Traduzindo as reflexões de Florida em Who’s your city? (2008), Fernandes (2007-2008, p.149) salienta: Neste mundo rugoso, a posição geográfica é um factor

Do mesmo modo, considere-se a distância, quer na sua vertente tempo ou custo, ou ainda o que podemos designar por ‘distância forçada’, que se entrecruza com este outro conceito fundamental em Geografia: o movimento, de que as atuais migrações para a Europa, nomeadamente, as que provêm de zonas de conflito, são um bom exemplo.

De forma muito breve podemos verificar que a atualidade nos entra quotidianamente sala de aula adentro e que deverá ser sobre essa realidade que devemos ensinar Geografia, colocando questões, fomentando a pesquisa, com guiões que conduzam os nossos alunos aos conceitos fundamentais da Geografia, mas também a uma atitude humanista, crítica e criativa.

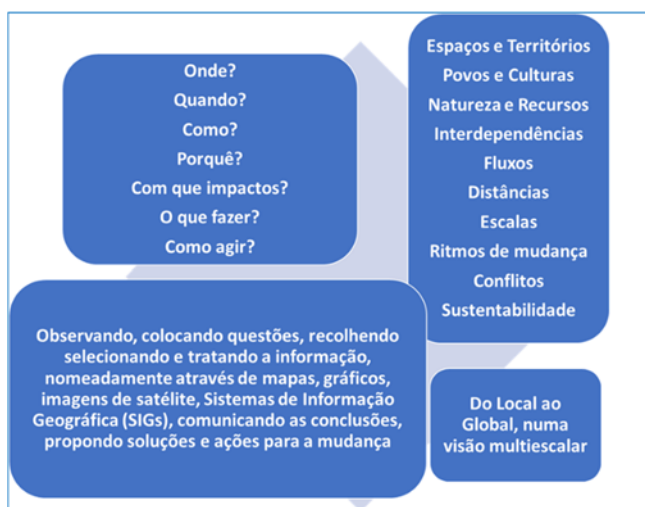


Figura 3 – Uma síntese possível...da importância da Educação Geográfica

(Fonte: Elaboração própria)

3. E sobre as competências e práticas geográficas neste século XXI?

Um aluno tem que saber ler mapas. Mas agora também em formato digital e tem, ainda, que saber fazê-lo com recurso aos Sistemas de Informação Geográfica (SIG). Só que muitas vezes o professor não está familiarizado com estes softwares. Mas há SIG online (WebSIG) muito simples, que podemos explorar com os alunos. Por exemplo, no Instituto Português do Mar e da Atmosfera (IPMA), podemos analisar o mapa dinâmico da atividade sísmica⁵ e manipular os layers disponíveis: os que ocorreram há 24 horas, entre 2 e 7 dias, entre 8 e 30 dias.

relevante e condicionador (...) não é irrelevante onde se nasce nem onde se vive.

É uma das formas mais elementares de demonstrar aos nossos alunos as potencialidades de um SIG. Porque o que interessa realmente é que os estudantes encontrem significado no que observam, se questionem, perguntem porquê aqui, desta forma, ... para que as suas aprendizagens sejam significativas.

Estas questões foram apresentadas pela Associação de Professores de Geografia no primeiro debate sobre o Currículo para o Século XXI, que teve lugar na Fundação Calouste Gulbenkian (em 30 de abril de 2016) e estão disponíveis na página da associação com mais detalhe⁶. No fundo, o foco da nossa intervenção incidiu sobre a ideia de que a Geografia é uma das disciplinas fundamentais no âmbito da Educação para a Cidadania, para a compreensão do Mundo atual e o desenvolvimento de competências para a Agenda 20/30 da OCDE, que se centram no espírito colaborativo, na criatividade, na solidariedade entre pares, na alteridade, na capacidade de lidar com dilemas e conflitos, de participar, de forma cívica, na vida da comunidade, numa análise multiescalar.

Vejamos, agora, uma questão prática. O que vou propor aos meus alunos do 10º ano, para tratar o tema ‘população’? Primeiro, vão trabalhar em grupo. Mesmo que tenha 30 alunos, mesmo que façam muito barulho, paciência... os meus alunos vão trabalhar em grupo e vão trabalhar a seguinte questão: “Quem sou eu, de onde é que eu vim?”. Tal permite abordar vários aspectos e até fazer os estudantes viajar no espaço e no tempo, se possível até aos bisavós, saber onde nasceram, quantos filhos tiveram, a sua profissão, se viveram sempre no mesmo sítio, se mudaram, migraram... No final desta viagem que fizemos por cada um e por todos da turma, começando eu sempre pela minha árvore (geo)genealógica, veremos refletida a população portuguesa, os seus dilemas e conflitos. E depois é só acrescentar os novos conceitos, como a taxa de fecundidade, o crescimento natural, etc. Porque vai lá estar tudo. Temos pequenas situações de aprendizagem que se adequam a todo o tema da população e esta deve ser a maneira de pensar a escola: adaptar conteúdos a contextos reais, a situações do quotidiano dos alunos, do país, região, local de vivência, procurando que os alunos

⁵ <https://www.ipma.pt/pt/geofisica/sismicidade/>

⁶ <http://www.aprofgeo.pt/>. Arquivo mensal: Maio 2016. Acesso 29-11-2017

coloquem questões, e perguntem: Onde, como, porquê?

Pensemos, dando outro exemplo, nos temas ligados à floresta (do 9º e 11º ano). Porque não refletir sobre Pedrogão Grande? Os alunos vão perceber que podem fazer várias aproximações... inclusivamente rever a noção de escala (pela localização e enquadramento espacial dessa área), perceber a influência do declive, do estado de tempo, das espécies vegetais na propagação do fogo/destruição da floresta, os efeitos derivados das alterações socioeconómicas, etc. Acrescentando igualmente aspectos ligados à História, como o caso dos erros da política de reflorestação do Estado Novo.

Na verdade, o mundo tal como o conhecemos está a mudar rapidamente, e disso dá conta tanto a OCDE como os empresários das grandes empresas internacionais, que precisam de trabalhadores com competências diferentes das que a escola até agora desenvolveu e claro, isso, de alguma forma, “empurra” esta instituição para mudar as suas práticas em sala de aula. Essa mudança também é urgente, porque a escola tem uma grande dificuldade de adaptação e os nossos alunos não desejam uma escola onde se ensine sem olhar para as novas competências que eles já trazem (currículo informal) e as que precisam de vir a desenvolver para se adaptarem a este mundo em constante mudança.

Em maio de 2017, teve lugar em Lisboa um encontro da OCDE sobre educação (OECD 2030 Learning Framework Meeting). O Ministério da Educação português foi o primeiro, dentro da OCDE, a dar voz aos alunos para falarem sobre a escola - iniciativa considerada uma inovação - perguntando-se o que queriam da escola e o que achavam da escola. Essa conferência, “a voz dos alunos”, foi muito interessante. Segundo a OCDE, e num dos inquéritos ligados ao Programme for International Student Assessment (PISA), os alunos portugueses são dos que mais gostam da escola, mas dos que menos gostam das aulas... urge saber porquê. É evidente que isso também se relaciona com questões culturais. Temos de pensar que ainda somos um povo que dá pouco valor à educação.

3. E o que pode o professor fazer?

O futuro pode ser melhor resumido no acrónimo inglês VUCA (Volatile, Uncertain, Complex, Ambiguous): um mundo marcado por volatilidade, incerteza, complexidade e ambiguidade (fig.4)⁷.



Fig.4 – Uma interpretação do Mundo VUCA

Perante este mundo VUCA não são só os professores, é a escola sobretudo que tem de mudar, a escola enquanto organização.

O professor tem que ser sobretudo alguém que ensina, que orienta, que guia e que encoraja. É claro que com dez turmas de 30 alunos é difícil. A sociedade tem de assumir que se pretende preparar os alunos para o tal mundo VUCA, não pode ter professores a lecionar tantas turmas e com estas características.

Os problemas que se passam na escola portuguesa são comuns a outros países: a desmotivação dos estudantes, a indisciplina, o problema da falta de envolvimento dos pais, e a exigência de nos adaptarmos e ensinar para o século XXI, são questões transversais. Têm de haver mudanças na escola enquanto organização.

Ao professor pede-se criatividade. E ser criativo, leva tempo, exige pesquisa, atualização, trabalho que deve ser feito em equipa.

Nós professores de Geografia temos a “sorte” de ter um programa do 3º ciclo excepcional. Neste momento existe o programa oficial – “As Orientações Curriculares”, existem aprendizagens essenciais para as escolas que estão na flexibilização curricular. E os professores das escolas de flexibilização curricular não estão num gueto... podem partilhar a sua experiência. E notem que o programa é completamente aberto e está homologado pelo Ministério da Educação: existem dois temas por ano e em cada um desses dois temas basta duas situações de aprendizagem para que os

⁷ Podem ver um pequeno vídeo sobre este assunto: <https://www.youtube.com/watch?v=Vi6UIQaqRvo>.

alunos consigam entender os conceitos, os principais conceitos e ir aplicando metodologias específicas da Geografia. Não são os manuais escolares, que devem ensinar ao professor o que os alunos têm de aprender. Educar para uma literacia geográfica, no tal Mundo VUCA, exige mais do que a lista de objetivos que estão definidos nas metas curriculares e que correspondem a uma visão de ensino que já não se adequa à complexidade das competências que é fundamental os nossos alunos desenvolverem para o futuro.

Ensinar, tomando como referência o programa – “As Orientações Curriculares” depende, essencialmente, da nossa disposição para planificarmos, centrando-nos em situações de aprendizagem significativas. Por exemplo, para o tema dos contrastes de desenvolvimento, podemos utilizar a questão das migrações. A partir das migrações, podemos obter informação variada utilizando ferramentas e dados simples disponíveis na internet... articulando com a elaboração de mapas, que os alunos podem construir, analisando vários índices e pintando-os, utilizando classes, a várias escalas, desde os concelhos de Portugal, até aos países de todo o mundo. E, através das migrações, chegamos com certeza aos conceitos fundamentais dos contrastes no desenvolvimento.

Então, porque não colocamos os alunos, em grupo, a responder às questões? E se fosse eu a emigrar? O que é que eu fazia se estivesse na Síria? Aquela gente que vem da Síria tem telemóvel, sabe inglês, é a classe média que chega à Europa... E quantos imigrantes são necessários para Portugal não ‘desaparecer’, daqui a um século, como país? São perguntas destas que temos de fazer aos nossos alunos. Eles gostam de desafios, de jogos.

Mas, mais do que o professor, é a escola que tem de mudar. A mudança vai ser lenta? Vai ser ‘dolorosa’?

Tem de ser uma mudança acompanhada? Claro que sim. Como qualquer mudança, se não for acompanhada, torna-se tudo mais complexo! Porque não instituir equipas educativas? Porque é que cada professor há-de planificar as suas aulas isoladamente? Claro que cada um tem a sua forma de leccionar e ninguém vai modificar isso, de fora para dentro. Mas podemos rapidamente planificar situações de aprendizagem em equipa. Para tal será necessário que a escola repense a organização da componente não letiva, centrando-a sobretudo na componente didática.

Na Escócia, por exemplo, os professores param uma semana no primeiro e segundo períodos, para, dentro da escola e em conjunto, planificar e fazer formações. Porque não em Portugal? Porque se parte do princípio que a produtividade tem a ver com a quantidade e não com a qualidade?

Será que com as Aprendizagens Essenciais é possível ir mudando a escola, as práticas da sala de aula, procurando ajustá-las um pouco melhor aos desafios que o Mundo VUCA coloca às instituições, aos professores, aos alunos, a toda a sociedade?

Na definição das aprendizagens essenciais, que nos foi pedida pelo Ministério da Educação, preocupámo-nos, principalmente, em reafirmar a importância das competências geográficas para o perfil do cidadão do século XXI, pelo que se pretende que o docente, mais do que executor de um conjunto de objetivos, pouco maleáveis, seja um decisor sobre os caminhos que os seus alunos devem trilhar, não esquecendo que há conceitos geográficos fundamentais e também metodologias específicas da Geografia, mas tendo como horizonte o futuro, as competências chave anteriormente definidas pela Agenda 2030 como se pode observar, de forma sintética, na figura 5.

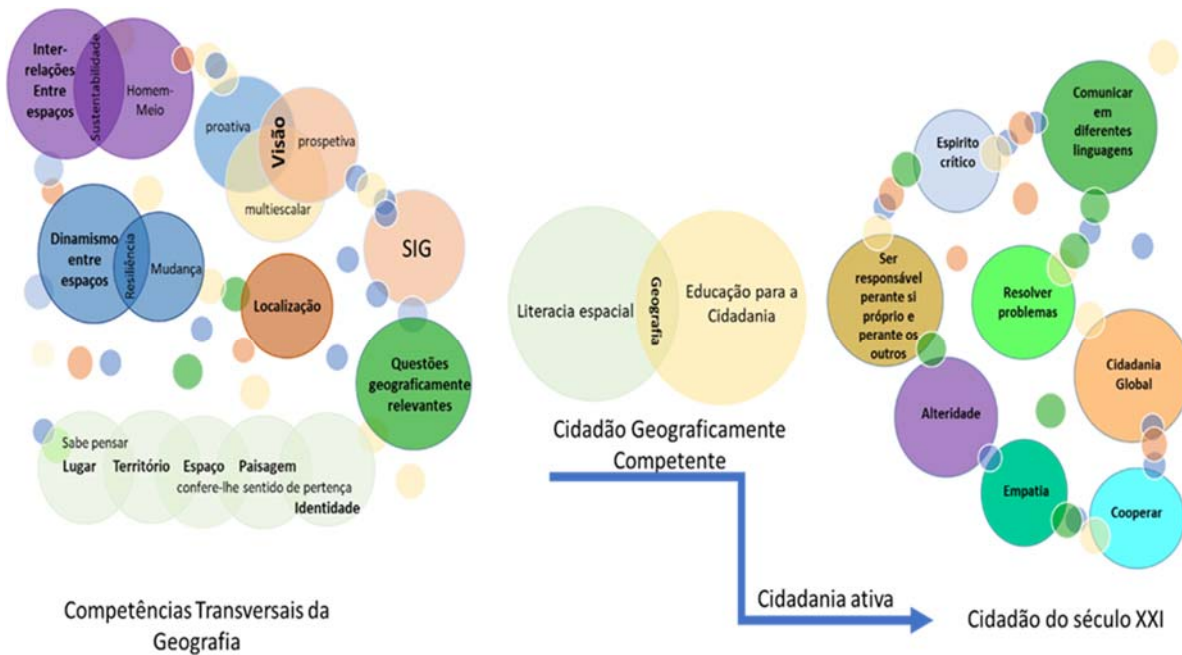


Figura 5 – Competências transversais da Geografia e do cidadão do século XXI

Fonte: Elaborado por Cristina Câmara e Emília Sande Lemos

Resumindo, de uma forma mais “poética”, os maiores desafios que se colocam ao professor de Geografia, é fazer com que os seus alunos aprendam

- a observar para além daquilo que os seus olhos vêem;
- a ler para além do mapa que todos os dias serve de ecrã ao telejornal;
- a questionar para além da informação que lhes é fornecida ou a que têm acesso;
- a pensar para além daquilo que os outros querem que eles pensem;
- a agir para além do que as outras gerações foram capazes de fazer;
- e o façam em equipa, de uma forma única, mas ao mesmo tempo solidária,

...tal como a “mistura” de ar, água, solo, rochas e vida, que tornam ímpar esta Terra em que vivemos.

Bibliografia aconselhada:

21st Century Skills Map: Geography (2009), acedido em: <https://eric.ed.gov/?id=ED519501>

AAVV (2000), Educação Geográfica. Inforgeo 15, Associação Portuguesa de Geógrafos,

AGE e APROFGEO (s/d) Atas dos Congressos Ibéricos de Didática da Geografia, acedidas em: <http://www.age-geografia.es/didacticageografia/index.php?m=4>

Education for a better world - the OECD Learning Framework 2030 (2018)

acedido em <https://www.youtube.com/watch?v=84395GJj6sc>

HAUBRICH, H., REINFRIED S., SCHLEICHER, Y. (2007), Declaração de Lucerne sobre a Educação Geográfica para o Desenvolvimento Sustentável, acedido em: <http://www.igu-cge.org/Charters-pdf/portuguese.pdf>

Ministério da Educação (2017) Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória. Lisboa

Ministério da Educação (2001), Currículo Nacional do Ensino Básico. Competências da Geografia. Ministério da Educação

Ministério da Educação (s/d), Geografia, Orientações Curriculares 3º ciclo, DGE, Ministério da Educação

Ministério da Educação (s/d), Programa de Geografia A, DGE, Ministério da Educação

Ministério da Educação (s/d), Programa de Geografia C, DGE, Ministério da Educação

National Geography Society (s/d), National Geography Standards and Skills, acedido em: <http://www.nationalgeographic.org/education/national-geography-standards/>

UK GOV. (s/d), Geography programmes of study: key stage 3 National curriculum in England. acedido em:

https://www.gov.uk/government/uploads/system/uploads/attachment_data/file/239087/SECONDARY_national_curriculum_-_Geography.pdf

ZWARTJES, I., LAZARO, L., KARL. D. (2015), Literature review on spatial thinking acedido em: <http://www.gilearner.ugent.be/wp-content/uploads/2016/05/GI-Learner-SpatialThinkingReview.pdf>